

## **Experiência: corpos de paragem, territórios de passagem**

Jésica Hencke

**Resumo:** Entre a visibilidade e a invisibilidade humana há um descompasso, um encurtamento da cidade contemporânea, cujos corpos tornam-se maquinais e sufocados pelo adestramento mecânico dos veículos automotores. Em conformidade com o exposto, o texto discorre sobre o corpo e sua relação com o espaço, à medida que, vive ações artísticas e analisa um processo de desmantelamento da própria humanidade. Pensa acerca de outras formas de viver.

**Palavras-chave:** Experiência, Corpo, Cidade contemporânea.

**Resumen:** Entre la visibilidad y la invisibilidad humana existe un desajuste, un acortamiento de la ciudad contemporánea, cuyos cuerpos convertido en máquina y sofocado por la formación mecánica de los vehículos de motor. De acuerdo con lo anterior, el documento se centra en el cuerpo y su relación con el espacio, ya que, en directo acciones artísticas y analiza el propio proceso de desmantelamiento humanidad. Pensar en otras formas de vida.

**Palabras-clave:** Experiencia, Cuerpo, Ciudad contemporánea.

Silêncio. Espera, solidão, parada, inércia, pensamentos, instabilidade, desejos, paixão, passional, provisório, indispensável, possibilidades, potência, tempo, territórios, ensaios, corpos, acontecimentos, percepções, perspectivas. Silhuetas de passagem, fendas no espaço, lugares outros para viver experiências, inesperadas, desafiadoras, amedrontadoras. Voraz! Corpos que desejam consumir informações e emitir opiniões, sedentos de novidades, inebriados e aterrorizados pelo descarte, o isolamento e a depressão, a inexistência da experiência, processos de desertificação da vida, de sua vibração, carnalidade, sangue e pulsação, um mundo repleto de banalidades que lhe dão sentido, emoções e quiçá, sensações.

Uma vida sempre em curso, feita de coisas banais. Amar, sentir raiva, enlutar-se, chorar, sentir dor, resmungar, dormir, acordar, atravessar uma avenida, aguardar numa parada de ônibus e valer-se do transporte coletivo, reproduzir clichês, embasar-se em representações sociais, repercutir posicionamentos, reproduzir citações, amparar-se nas escritas de outrem, imitar.

Sant'Anna (2001) provoca um acasalamento entre pensamentos, destaca o peso, a leveza e a velocidade dos corpos, modificado pelo surgimento dos primeiros trens, o mundo e sua oscilação a vapor. “[...] A febre da velocidade cria liberdades novas mas fabrica agonias singulares” (SANT’ANNA, 2001, p. 14), impossibilita a apreciação

demorada, o encontro com o outro, a escuta e observação atenta, é preciso acelerar, cumprir normas, trabalhar, movimentar-se, os corpos mostram-se fluídos e distorcidos pela vidraça do trem, ônibus, automóvel. Não há mais limites, os fluxos são instantâneos, pré-determinados, pré-concebidos, pré-fabricados.

Há corpos sempre em movimento que se cruza em ruas, avenidas, calçadas. Em veículos ou a pé o que se apreende são formas coloridas, díspares, altas, baixas, apressadas, lentas, amedrontadas, não há permissão para a lentidão, há uma invisibilidade humana. Não estou me referindo à lentidão da lesma, que rasteja sobre seu ventre enquanto produz uma camada de fluídos orgânicos que protege e defende seu corpo delicado e macio da aspereza da cidade cotidiana, mas, a lentidão do apreciar, do observar, do dar-se tempo, não o contrário da velocidade, e sim, como potência para criar outro estilo de vida, mudar hábitos, qualificar a saúde, perceber os pesos dos corpos que podem produzir outras formas de deslocamento, mais simples, menos amedrontada, apta a desafiar os problemas da cidade contemporânea que se abre à drogadição, a criminalidade, ao excesso de informação visual, a sujeira, ao tráfego intenso de veículos e pedestres. Não se escolhe a lentidão se vive.

Viver é pressuposto da experiência, dar-se tempo, permitir-se, expor-se, silenciar a agitação, as opiniões, relativizar as certezas, questionar as verdades, amputar a dicotomia e permitir-se duvidar, não compreender. Viver? Como? Se a existência humana ocorre num ritmo frenético de transformações maquinais, é preciso trabalhar, estudar, produzir textos acadêmicos, questionar as verdades, associar-se a determinada vertente de pensamento, manter o corpo trivial bem nutrido, ganhar anos de vida e repetir hipnoticamente exercícios de musculatura, natação, hidroginástica, é “preciso” ser saudável, leve, pró-ativo, alegre, vívido e audaz. “Como escreveu Paulo Leminski, ‘hoje, a morte está difícil. Tem recursos, tem asilos, tem remédios. Agora a morte tem limites. E em caso de necessidade, a ciência da eternidade inventou a crônica. Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.’” (SANT’ANNA, 2001, p. 27).

Morrer tornou-se um ato insípido, esquecido, ultrajado, é indiscutível manter a vida a todo custo, valer-se de todos os recursos possíveis entre o Prozac e as academias *fitness*, o yoga e livros de autoajuda, num contínuo movimento de mostrar-se como paciente e passageiro. “Durante cirurgias e viagens, os corpos permanecem sobre o comando de especialistas encarregados de pilotá-los” (SANT’ANNA, 2001, p. 34). Perde-se o controle de si, não se consegue prever o que irá acontecer, o que passa em nosso corpo, como ele reagirá, enquanto pacientes e passageiros podemos viver

experiências não induzidas, mas acontecem, instalam-se em nossa vida e podem vir a transformá-la.

Todavia, vale lembrar que a instabilidade das transformações sociais criou um mundo frenético, agitado, perpetuado pelas grandes cidades e suas avenidas que se cruzam de forma alucinógena, cujas paradas de ônibus apresentam-se repletas de comunicados sobre horários, linhas, propagandas de eventos, vendedores ambulantes, moradores de rua, sujeira, insetos, baratas e ratos, restos de alimentos que se acumulam junto a sobras de cigarro (como as pessoas fumam!), formando outro estilo de calçamento, irregular, com poças d'água (ou urina), crianças descabeladas e com sono ao lado de pais cansados, irritados e cheios de sacolas de supermercado (a cada dia menos, o dinheiro anda curto e os alimentos estão aumentando seu valor de forma vertiginosa), senhores e senhoras idosas apoiados em suas bengalas, estudantes indiferentes aos problemas mundanos riem agarrados a seus livros manchados pelas incessantes madrugadas, que, em sono, desabam a cabeça sobre a página que estava a ler, marcas feitas pelo suor o contato da epiderme com a folha de papel, xícaras de café que transbordam, espirros numa imensidão de fluídos orgânicos.

Uma parada de ônibus expõe-se como um espaço paupérrimo que apresenta a vida em sua nudez, em sua diversidade, uma microcidade dentro da macrocidade, território de paragem, mesmo que por alguns minutos, enquanto o transporte coletivo não passa, todavia, estamos conectados e isolados, próximos pela espera e distantes em pensamentos e desejos, ilhas intransponíveis, amedrontadas e isoladas. “Numa cidade feita para o automóvel e inflacionada com as marcas da sua presença, o pedestre se encolhe” (SANT’ANNA, 2001, p. 47), ficam subsumidos em divagações, com fones no ouvido, olhos inquietos que caminham pelos dispositivos eletrônicos e perambulam por seu entorno amedrontados, ansiosos, inquietos.

“Em meio à agitação, falta espaço para criar, fruir, pensar e brincar. [...] Por vezes os pedestres são coagidos a reduzir de tal modo o tempo de elaboração de suas respostas aos estímulos da cidade, que pouca diferença lhes resta em relação à ameiba.” (SANT’ANNA, 2001, p. 49). Agitação, imediatismo, necessidade de reação, instinto de sobrevivência, evitar o pensamento, proibir a elaboração de ideias, reproduzir, caminhar de forma atenta, observar os semáforos, manter-se sempre alerta e confiante, cuidar-se e cuidar para não obstruir a passagem de um automóvel, agir de acordo com a cidade compacta, encolhida, viver o imediatismo que coíbe a experiência, minimiza as emoções e neutraliza os sentimentos.

“Amebas” que se deslocam de um espaço a outro, que se valem diariamente de veículos coletivos, perpassam espaços de paragens sem parar, sem olhar e ver a seu redor. Quase não há percepção nesta cidade encolhida, mínima, cuja técnica domina o humano, que se neutraliza tornando-se dispensável, quase inútil. É urgente esticar a cidade, propor momentos de paragem, roubar a atenção, deslocar o olhar, provocar rupturas e interromper o passo, desequilibrar o corpo e provocar pensamentos. “Esticar a cidade, enfim, para que se possa andar a pé ou se locomover de carro, metrô, ônibus, bicicleta, etc.; para que se possa escolher correr, andar ou ficar parado.” (SANT’ANNA, 2001, p. 54). Para que as experiências tenham espaço e tempo para ocorrer, que os territórios fomentem o deslocamento, a transformação, a mudança, o aprender.

Esticar a cidade para que uma parada de ônibus mostre-se como espaço da arte, lugar de exposições e convite a produção de palavras, imagens, gestos, silêncios, performance, aprendizagens. Espaço de encontro, conversas, troca de receitas, abraços e afetos, amizades. Isento de sujeira, restos orgânicos, sobras e detritos. Espaço para superar o medo, neutralizar a arrogância e a indiferença, promover o saber cotidiano, respeitar os saberes sociais e compreender a cidade como um organismo vivo, desorganizado, instável, questionável e propenso à criação-transformação-invenção.

Um corpo em construção é infinito, já destaca Sant’Anna (2001), assim como uma cidade, não cessa de se autoproduzir, torna-se mutação, metamorfose, um território espetacular, continuamente redescoberto, entretanto, nunca é totalmente revelado. Mas, é preciso tomar cuidado, estar atento as tênues fronteiras que demarcam singularidades e subjetividades, que fomentam a criação de corpos pela biociência, os mecanismos colocados em funcionamento pela inteligência artificial, numa sobreposição de corpos na cidade verticalizada feita de prédios e minúsculos apartamentos na tentativa de minimizar os espaços e maximizar a alocação de pessoas, uma infinita manipulação na fórmula: “tudo é possível”. “Desde então, a fórmula ‘tudo é possível’ reconhecida por Hannah Arendt como fórmula do horror, foi banalizada na cultura e na ciência, permitindo uma liberdade infinita de manipulação dos corpos, tanto para homens quanto para mulheres” (SANT’ANNA, 2001, p. 85).

Tudo é possível, inclusive tornar-se estéril de sensações, incapaz de viver experiências, neutro, indiferente, como se a vida fosse um contínuo apertar de porcas numa esteira ininterrupta de eventos sequenciais e impensáveis, que demarcam tempos e espaços para as atitudes humanas e, quem não se adéqua a este sistema, é subsumido na massa capitalista plugada a todo ser vivo, tornando-o apenas uma engrenagem de uso,

consumo e desperdício, “[...] não se trata apenas de sugar o sangue, a força de trabalho dos humanos, mas, também, de capturar a sua carne, o seu espírito e, ainda, de ser alimentado de todos os seres vivos, sem luxo nem desperdício” (SANT’ANNA, 2001, p. 94), não há escapatória, estamos submersos neste sistema, inebriados pelo seu brilho hipócrita e perdidos em suas tecnologias, esquecidos de nossas experiências.

Experiência, estranho termo que insiste em voltar à mente, inquieto e pulsante como água fervendo numa vasilha de metal, mas, qual seu sentido? De forma leviana pode-se dizer que ter uma experiência é viver um encontro, um acontecimento, um evento singular que apenas acomete a um ser humano de forma única, específica e irrepetível. Mas, por que não dar densidade a este termo? Criar agenciamentos com o pensamento de Jorge Larrosa, que dedicou diversos textos a este tema, realizou palestras e conferências e expôs parte de sua experiência?

Eis algo poderoso, as palavras, sem elas não há comunicação, expressão, pensamentos. “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (LARROSA, 2002, p. 21), sem elas este texto não poderia ser escrito, uma experiência vivida não poderia ser expressa de forma clara e coerente a quem possui a habilidade auditiva e leitora, não haveria questionamentos para pensar o corpo, a cidade contemporânea, os espaços de paragem. Assim, a palavra experiência com apenas sete letras, cinco sílabas (ex-pe-ri-ên-cia), mostra-se potente, desafiadora, questionadora e inquietante, um dilema à aprendizagem, à vida, ao envolver-se, ao ensino.

Larrosa (2002) pontua fragmentos de nossa vida que inibem a experiência, deteriora sua potência, sufocando-a. As relações humanas tornaram-se imediatas, fragmentadas, superficiais, em suas palavras vive-se na sociedade dos extremos, a experiência não tem espaço para ocorrer, há excesso de informação, excesso de opinião, mostra-se rara por falta de tempo e excesso de trabalho. Um reflexo distorcido da cidade encolhida, da vida cotidiana, das transformações culturais, uma sociedade cujas relações mostram-se efêmeras, fugazes, instáveis. Viver uma experiência requer ser passional, apaixonar-se, viver momentos de paragem, encontrar espaços para esperar, tornar-se passivo, receptivo, disponível e aberto, ser capaz de abrir a porta da própria casa e expor-se.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar,

demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24-25).

Parar, momentos de paragem, espaços nos quais os corpos descansam, sentem a brisa, o vento, o calor, o frio, territórios provisórios e essenciais que movimentam a existência, favoreçam encontros em prol da vida, subtraíam as relações de dominação e devolva ao ser humano sua humanidade, removendo-o do frenético anestesiamento dos sentidos, a indiferença dos corpos, a inexistência de sensações, o excesso de ruídos e a impossibilidade do silêncio. Um movimento para ensaiar-se, estranhar o presente, o dado, o evocado, questionar o que somos, compreender porque nos estruturamos desta e não de outra maneira, incomodar-se com o presente, problematizá-lo. Por que necessitamos estar continuamente informados? Qual a intenção de uma opinião? O que nos impulsiona ao constante opinar? Importa analisar o que é naturalizado, perceber que nossa vida encontra-se alicerçada num mundo de artificialidades, estranhar o que nos é familiar, ou seja, nós mesmos.

Estranhar-se a si, para permitir-se viver experiências. “A realidade, juntamente com sua origem e o seu destino, sua aceitação e sua transformação já é, para nós, talvez para sempre, um problema. E a experiência do presente já se tornou, para nós, talvez para sempre, o mais difícil” (LARROSA, 2004, p. 36). A experiência ao tornar-se algo “difícil”, improvável na sociedade do imediatismo, potencializa o não pensar, o não agir, o não compreender, o não analisar as situações que se vivencia a cada dia. O sujeito da experiência é passional, espera, está à espreita não se antecipa ou fica ansioso, sabe ouvir, acalmar-se, aguardar os acontecimentos, não de forma indiferente e despreocupada, mas sim, atenciosa, curiosa, questionadora. Um ser que constrói sua vida formada por detalhes, pequenos acontecimentos e relações, não é massa, não se torna manada, é singular, essencial e peculiar.

No entender de Sant’Anna (2001) importa transformar o corpo trivial do sujeito da experiência num espaço de ressonâncias, destituído da indiferença, do isolamento, do autismo autoimposto, do egoísmo, da negligência. “Evitar o constrangimento de corpos que remetem seu brilho apenas para si, que começam e se esgotam unicamente neles” (SANT’ANNA, 2001, p. 99). Fugir para o meio, viver no entremeio das relações, não buscar nem começo nem fim, caminhar junto à grama, criar uma geografia dos corpos/sujeitos da experiência. Sair dos extremos, dar-se direito à passagem, ao

encontro, ao envolvimento, a experiência que nos passa, nos desestabiliza, nos transforma e age em nosso corpo, em nossos desejos, angústias, medos, silêncios, solidão.

[...] Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (LARROSA, 2002, p. 24).

Um território de passagem, lugar de saídas e chegadas, passível, receptivo, disponível, aberto aos encontros, assim como uma parada de ônibus, lugar de integração, de receptividade e acolhimento. Um espaço de abertura. A experiência não ocorre quando o sujeito se fecha em si, isola-se do envolvimento, evita ressonâncias entre o indivíduo, o coletivo e o humano, torna-se um ser do amortecimento, anestesiado, autômato e indiferente. Amedrontado, apressado, estigmatizado. Interessa criar elos, lançar pontes, envolver multiplicidades e viver, não reproduzir formas de vida, tornar-se um corpo de passagem, de posse:

[...] o termo *possuído* não remete apenas à posse, mas, ainda, à experiência de possibilitar: o corpo do possuído *possibilita*, de fato, uma presença sagrada, materializando-a em gestos visíveis, desdobrando-se em macrocosmo, juntando num mesmo tempo o eterno e o efêmero (SANT’ANNA, 2001, p. 104).

Um corpo de possibilidades, de experiências, de passagem. Na esteira de Larrosa e Sant’Anna já se falou sobre corpos de passagem como territórios da experiência, afirmou-se o que macula e inibe viver uma experiência, todavia, o que este termo trás de interessante em sua estrutura linguística? Será que as palavras abarcam sentidos que ultrapassam seu significado corriqueiro? Mostra-se válido pensar além do exposto, escavar o território das letras e sílabas, perpassar pela origem do termo e, ao decompô-lo, criar pontes formadas por diferentes sentidos.

Experiência, ter contato, provar, viver um evento, um acontecimento, experimentar. “Ex-iste” dirá Larrosa (2002) da inexistência para a existência, envolver-se sem medos e medidas, aceitar, surpreender-se, espantar-se, colocar-se em movimento, apaixonar-se. A experiência é singular, pode-se dividir um mesmo acontecimento, mas, a forma de ser afetado é própria a cada ser e impossível de ser repetida.

A experiência é alheia a mim, mas acontece em meu corpo. Não pode ser minha, não pode ser controlada, prevista, descrita. Ela é movimento de ida e volta, de relação. Larrosa (2011) destaca que experiência acontece em minhas palavras, em minhas ideias, em minhas representações, em meus sentimentos, projetos, intenções, saber, poder, em minha vontade, ou seja, se dá em meu corpo que se abre ao inusitado, ao estranho, que padece de forma única, singular, particular, própria.

Experimentar e não viver um experimento. Pôr-se no fluxo, não temer a fissura, a ruptura, o desalento, a fratura, a separação. Deparar-se com o inusitado, com os batimentos cardíacos acelerados, com o imprevisto, outrora jamais visto. Experiências, para ocorrerem, incluem dimensões, potências, e podem ser atravessadas por diferentes acontecimentos: um pôr do sol, uma música, a leitura de um livro, uma aula, um olhar atento ao seu entorno, um encontro efetuado em uma viagem de ônibus, um transeunte que passa a seu lado nos caminhos da vida, uma ideia, um pensamento original e não um processo maquinal de reprodução de informações e opiniões.

Dimensões, pluralidades, focos dissipados, a experiência têm a ver com “exterioridade, alteridade e alienação têm a ver com o acontecimento, com o que é da experiência, com o *isso* do ‘isso que me passa’” (LARROSA, 2011, p. 08), enlaça-se com o incontornável, o que não pode ser medido, repetido, calculado. Um zumbido de abelha que nos tira do controle e inibe nossos passos, uma imagem exposta numa parada de ônibus que nos leva a outros tempos criando fendas em nossa percepção, uma incontornável tremedeira que afeta o corpo e, instantaneamente, perde-se a noção de tempo e espaço.

“Reflexividade, subjetividade e transformação têm a ver com o sujeito da experiência, com o *quem* da experiência, com o *me* de ‘isso que me passa’” (LARROSA, 2011, p. 08), a experiência não ocorre no vácuo, na indiferença, em um objeto, mas sim, em nosso corpo, em células, veias, nervos, vibrações. Nos colocam no centro dos acontecimentos sem sermos o mais importante, põe nosso corpo em evidência sem que sejamos evidentes. Sentir-se sufocar e continuar vivo, perder as palavras sem deixar de ser alfabetizado, ter medo sem temer, aprender a pensar e conseguir viver, ensaiar-se, colocar-se em exposição, expor-se.

“Passagem e paixão têm a ver com o movimento mesmo da experiência, com o *passar* do ‘isso que me passa’” (LARROSA, 2011, p. 08), permitir-se sentir, fazer da própria existência um ensaio, uma escrita a lápis que pode ser apagada e reescrita, um

encontro entre corpos, entre sensações e acontecimentos, permitir-se parar, respirar, espreguiçar-se e recomeçar.

Ao se viver uma experiência, jamais se retorna imune, o corpo, a vida, as percepções se modificam, Sant'Anna (2001) dirá que nos tornamos corpos-passagens, para sentir, criar elos, envolver-se como uma criança que é um presente inatural, intempestiva, disposta a experimentar e expor-se sem julgar (Larrosa, 2011). Um corpo-passagem ressoa para um coletivo, está exposto, disposto, interessado e compenetrado para ouvir, sentir, viver junto a outros corpos, criar elos, experimentar. “Se o esportista quer sobreviver, ele sabe que precisa tentar ver o obstáculo *tal como ele é*: o que não significa ver além do que é visto nem ver somente o que é visto” (SANT’ANNA, 2001, p. 112). Importa tentar ver, sentir, compreender o que lhe acomete, evitar divagações, eufóricas imaginações, impressões contorcidas e não reais, interessa a compreensão “*tal como é*”, colocar-se corporalmente em cada situação, lançar-se ao abismo, ao inusitado, ao amedrontador e assim dissipar os dragões de fogo que fazem o sangue ferver de temor.

\*\*\*\*\*

No ritmo do des, os pensamentos começam a pular entre dendritos e axônios.  
 Destituir o medo de escrever, de viver o inusitado, de perguntar o óbvio de experimentar o comum/incomum.  
 Desmentir as verdades absolutas e acreditar em pequenas evidências que se alteram a cada dia.  
 Desatar os nós que dificultam o caminhar e o aprender, para então transformar a vida numa obra de arte. Cada pincelada é um encontro, interessa cultivar as ranhuras, valorizar os materiais, perceber as aberturas e manter fissuras para viver experiências.  
 Desfazer a separação entre corpo e mente, inteligível e sensível, carne e espírito, apostar na integração do corpo que pulsa, sente, pensa, aprende e apreende.  
 Desapropriar-se das certezas, da norma, do padrão, da regra e propor outros movimentos, outras intervenções, olhar o banal com lentes da dúvida, investigação, medo, novidade e transformação...  
 Desbordar, sair das margens, esquecer as bordas, do início e do fim, viver no meio, andar pelo fluxo, fazer-se gramínea, ultrapassar os limites. Esperar, escutar, ver, tocar, sentir, viver visceralmente, colocar-se em movimento, mergulhar, experimentar.  
 Desbundar, apreciar, deslumbrar-se, fruir: um pôr do sol, o balanço das folhas nas árvores, as águas que se sobrepõem no ritmo do mar, o choro ininterrupto do primeiro filho.  
 Desconfigurar o figurativo, remover a certeza e valorizar a dúvida, fomentar uma inquietação no olhar.  
 Descontrair a tensão, soltar o ar dos pulmões e voltar a respirar.  
 Descongestionar o trânsito nesta cidade encolhida e caminhar, olhar as pedras do calçamento, as pessoas ao redor, as marcas que o tempo imprime na fachada das velhas casas empoeiradas.  
 Casas esquecidas, ao se estar imerso na impaciência contemporânea.  
 Destituir a pressa, o medo, a raiva, as emoções frustradas e valorizar o amor, o cuidado a amizade.  
 Desligar os aparelhos eletrônicos, arrancar os fones dos ouvidos.  
 Desligar os motores à luz, gasolina, etanol e óleo diesel, permitir-se silenciar para ouvir.  
 Desnortear-se, flunar sem rumo, inventar caminhos, apreciar a paisagem, inventar histórias e escrever poesias.

Destituir-se da arrogância, da ganância, do egoísmo, do individualismo, do capitalismo, do consumismo.

Desmanchar as mágoas, e permitir que os sensores do corpo captem sensações.

Religar a cultura e a vida, fazer e viver arte, relacionar ações sensíveis, romper com as desigualdades pejorativas e promover a igualdade singular.

Desterritorializar pensamentos, potencializar a instabilidade, a insegurança, dar sentido ao sensível.

Permita-se fabricar o futuro como uma criança inquieta, destemida, questionadora que pergunta a seu corpo, a seu olhar, a seus gestos e, não contente com a resposta, experimenta o mundo com suas vísceras expostas.

Desligar o não posso, não quero, meu corpo dói, é muito difícil não consigo aprender e ligar o eu quero, eu tento, eu conseguirei mesmo que o tempo se esvaia e minha tez fique enrugada, os cabelos embranquecidos, os movimentos lentos e pesados, o pensamento vagaroso e o olhos nublados, somente assim, poder-se-á dizer, que fez de seu corpo e vida, um espaço de passagem, de experiências...

\*\*\*\*

### Referências:

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o saber de Experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. p. 20-28.

LARROSA, Jorge. A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se, no pensamento, na vida e na escrita. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre. 29(1) jan/jun, 2004. p. 27-43.

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. In: **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n 2, jul/dez 2011. p. 04-27.